

ECCLESIA SICUTI “UNITATE PATRIS ET FILII ET SPIRITUS SANCTI”; ASPECTOS DE ECLESIOLOGIA DE COMUNHÃO NA LITURGIA E NOS SANTOS PADRES

ECCLESIA SICUTI “UNITATE PATRIS ET FILII ET SPIRITUS SANCTI”; ASPECTS OF ECCLESIOLOGY OF COMMUNION IN LITURGY AND THE HOLY FATHERS

Vanderson de Sousa Silva*

Resumo

O presente artigo intenta perquirir a eclesiologia patrística que brota da compreensão da Igreja como *unitate Patris et Filii et Spiritus Sancti*. Para tanto, percorrer-se-á alguns padres da Igreja, vislumbrando a teologia simbólica dos mesmos no que concerne à imagem de Igreja como comunhão. Bem como, apresentar-se-ão aspectos da eclesiologia que brota da Liturgia, delimitando o estudo à *Anáfora* de Hipólito de Roma (III século) e às Orações Eucarísticas do Missal Romano de Paulo VI.

PALAVRAS-CHAVE: Eclesiologia. Liturgia. Santos Padres. Comunhão.

Abstract

This article attempts to assert the patristic ecclesiology that comes from understanding the church as “unitate Patris et Sancti Spiritus et Filii” to do so, it will go some priests of the Church, discerning the symbolic theology of the

* Mestrando em Teologia Sistemático-Pastoral (Teologia Litúrgica) na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ). O projeto de pesquisa gravita em torno da teologia das Orações Eucarísticas, tendo como orientador o Prof. Dr. Pe. Luiz Fernando Ribeiro Santana e apoio do CNPQ. Mestrando em Educação pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. Graduado em filosofia (IFITEPS), pedagogia (UNIRIO) e graduando-se em Ciências Sociais (UFF). E-mail: <semvanderson@hotmail.com>.

same with respect to image Church as Communion. As well as presenting will aspects of ecclesiology which springs from the Liturgy, limiting the study to the Anaphora of Hippolytus of Rome (third century) and the Eucharistic Prayers of the Roman Missal of Paul VI.

KEYWORDS: *Ecclesiology. Liturgy. Church Fathers. Communion.*

Introdução

Adão dorme para que nasça Eva. Cristo morre para que nasça a Igreja. Enquanto Adão dorme, Eva se forma do seu lado. Quando Cristo acaba de morrer, seu lado é aberto por uma lança, para que dali corram os sacramentos para formar a Igreja¹

Este trabalho intenta perquerir na Tradição Patrística o caminho percorrido pelos Santos Padres na compreensão eclesiológica a partir do conceito teológico de comunhão. Para tanto, apresentar-se-ão aspectos da eclesiologia de comunhão, destacando que para os Santos Padres a comunhão eclesial brota impreterivelmente do Mistério de Cristo celebrado nos mistérios litúrgicos; assim, a liturgia é princípio fontal da comunhão eclesial, pois nesta, Cristo, cabeça, junto ao seu corpo, a Igreja, realizam o culto ao Pai, na comunhão do Espírito Santo. Não se olvide do não esgotamento da temática neste lacônico percurso pela patrologia e liturgia; assim, seletivamente, apresentar-se-ão alguns aspectos relevantes no que tange à temática.

1 Aspectos de eclesiologia de comunhão nos santos padres

Não pode ter a Deus por Pai quem não tem a Igreja por Mãe.²

Buscar-se-á neste item apresentar os aspectos da eclesiologia dos principais Padres da Igreja, sempre perseguindo o conceito de comunhão. Ainda que laconicamente, apresentar-se-ão os principais Pais da Igreja e sua teologia no que concerne à eclesiologia de comunhão. Não se olvide do caráter lacônico das abordagens que se limitará aos aspectos principais e aos textos notórios. Far-se-á necessário eleger alguns Padres

¹ AGOSTINHO. *Tractatus in Joannem*, X, cap. II, n.10.

² CIPRIANO. *A unidade da Igreja Católica*. 6, 3.

a Igreja e relegar outros à não alusão, sem, contudo, afirmar que nos não citados não exista uma conspícua teologia da eucaristia e sua ligação intrínseca com a eclesiologia em vista da comunhão.

1.1 *A Eucaristia como locus e ápice da comunhão eclesial*

A teologia dos Santos Padres da Igreja, no que concerne à compreensão da Igreja como comunhão, poder-se-ia asseverar que, como ponto comum entre as diversas épocas e escolas teológicas, é o dado cristológico-eclesial da Eucaristia.

A teologia patrística não separava a Igreja de Cristo, nem a Igreja da Eucaristia, por conseguinte a eclesiologia dos Padres era unida ao Mistério de Cristo e da Eucaristia. Ilustrativo é o texto de Eusébio de Cesareia em sua obra *História Ecclesiástica* 10,2-3, em que assevera a alegria oriunda da “paz constantiniana” (313), e a liturgia aparece como em ligame com a Igreja:

Para nós foi sobretudo uma alegria indizível e uma felicidade sobre-humana ver as igrejas erguerem-se de suas ruínas [...] ver o espetáculo tão desejado por todos, isto é, um suceder-se de festas de dedicação e de consagração de igrejas em todas as cidades [...]. Sim, tudo era esplêndido: as celebrações dos bispos, os ritos dos sacerdotes e o comportamento digníssimo das assembleias, que se manifestava tanto na salmodia e na escta da palavra de Deus como nas divinas celebrações dos símbolos inefáveis (a eucaristia) da paixão do Salvador.

A partir do mandato do Senhor de fazer memória d’Ele, a “Ceia do Senhor” ou a Ceia Pascal foi aceita como dom de Cristo à Igreja. Dom este no qual Jesus se dá por interio ao Pai e aos homens. Esta *anamnese* do Senhor a Igreja compreende como sendo o *locus* privilegiado de onde emana o convite e a possibilidade da comunhão eclesial.

A *communio* era a expressão máxima da Igreja, assim como a Trindade é comunhão inter-relacional das Pessoas Divinas, a Igreja como ícone da Trindade é comunhão entre o gênero humano, a nova humanidade dos remidos, povo santo, casa de comunhão. Portanto, ser cristão era entrar na dinâmica comunal, nos mistérios santos, que se expressavam na caridade, pois eram unânimes na comunhão fraterna, na oração e na “fração do pão” (At 2,42).

Em suma, para os Padres da Igreja e autores cristãos antigos, a eclesiologia não era desvinculada da Eucaristia e somente se

compreenderá a Igreja colocando-a como ligame na Eucaristia que é a sacramentalidade da *communio*.

1.2 *A doutrina eucarística: os séculos I-III*

O período que compreende os três primeiros séculos da história do cristianismo deixou para a posteridade três importantes testemunhos acerca da liturgia e da teologia da eucaristia. São estes: a Didaqué, que é do fim do I século; as descrições litúrgicas de Justino, em torno do ano 150; e, por fim, a *Traditio Apostolica* de Hipólito de Roma, entre os anos 215/225. O texto anafórico hipolitano, no entanto, será apresentado no item que tratará dos aspectos da eclesiologia de comunhão na liturgia.³

Esses testemunhos dos séculos I a III demonstram que na Igreja primitiva existia uma conspícua relação entre a doutrina Eucarística, a liturgia e a eclesiologia.

A Didaqué⁴ assume em conexão com a doutrina e opção entre as “duas vias”, desenvolvendo em seus capítulos a prática litúrgica e a compreensão teológica no que tange à celebração do Batismo, da Penitência e da Eucaristia.

Poder-se-ia apresentar alguns capítulos relevantes: no capítulo 9º encontra-se a descrição das orações e ritos que eram realizados sobre o pão e o vinho. Nota-se que no posterior capítulo, o 10º, há um texto eucológico muito semelhante ao da “liturgia” do judeu piedoso após a refeição.

Outro aspecto que se destaca na Didaqué é a referência à Igreja unida, numa preclara referência à simbologia do pão, que, sendo um alimento feito de muitos grãos, estes, amassados, formam um só pão.⁵

³ LODI, E. *È cambiata la Messa in 2000 anni?* Marietti, 1975. PADOIN, G. *O Pão que eu darei. O Sacramento da Eucaristia*. São Paulo: Paulinas, 1999, p. 84.

⁴ Alguns especialistas negam que na Didaqué se encontra uma referência à Eucaristia, principalmente os capítulos 9º e 10º; contudo, poder-se-iam citar outros especialistas dentre os quais liturgistas e patólogos renomados, tais como: Battifol, Casel, Quasten, Bouyer e outros. Estes defendem o contexto eucarístico dos capítulos 9º e 10º; para tanto, basta constatar que no capítulo 9º assevera-se que “[...] ninguém coma ou beba da vossa Eucaristia, a não ser que esteja batizado em nome do Senhor”. Não haveria sentido em excluir os não batizados, caso não fosse uma Eucaristia propriamente dita. “Esta cláusula exclusiva no tocante aos não batizados tem uma razão de ser na ‘sacramentalidade’ da Eucaristia”. PADOIN, G. *O Pão que eu darei. O Sacramento da Eucaristia*. São Paulo: Paulinas, 1999, p. 86.

⁵ Esta tipologia será muito utilizada na teologia dos Santos Padres para se referir à Igreja e sua comunhão. Nota-se que esta simbologia também aparece nos textos anafóricos.

Assim assevera o texto da Didaqué:

Nós vos damos graças, ó nosso Pai, pela vida e pelo conhecimento que nos revelastes por meio de Jesus Cristo, vosso servo. Glória a vós pelos séculos! Assim como este pão aqui partido estava antes esparso pelos vales, e após ter sido recolhido tornou-se ‘um’, assim também acolhei a vossa Igreja desde as extremidades da terra para o vosso Reino. Porque vossa é a glória e o poder, por Jesus Cristo nos séculos [...].⁶

O texto do capítulo 10º é claramente um texto oracional de cunho eucarístico, ou seja, de ação de graças. E a eclesiologia que brota deste texto poder-se-ia afirmar ser uma analogia entre a unidade eclesial com a unidade do pão eucaristicizado, que outrora eram muitos grãos “esparços pelos vales”, mas que recolhidos se tornam “um”. A unidade da Igreja se faz em torno do pão, pois a Igreja é a nova Belém – casa do pão, comunidade que se reúne em torno do pão da Palavra e da Eucaristia.⁷

O segundo testemunho é o de Justino. Os textos são: *Diálogo com Trifon*, os capítulos 41, 1; 97,3 e *Apologia I*, os capítulos de 65-67. Nestes transparece com riqueza de detalhes a liturgia e o rito da celebração da Eucaristia. Esta Eucaristia apresentada por Justino é uma ação litúrgica do memorial sacrificial do Senhor. Justino relata a prática litúrgica da Igreja primitiva que celebrava a Eucaristia primeiramente e de forma solene na “noite pascal”, após a celebração do batismo dos neófitos e no “dia do sol”, ou seja, aos domingos.

Ressalta dos textos de Justino a insistência na ‘oração eucarística’ única e pronunciada pelo presidente, não se tratando de preces distintas, mas uma só. Justino com esta insistência queria exprimir que a unidade da assembleia reunida pelo Senhor para fazer memória de sua Páscoa, vinha da comunhão na mesma oração ao Pai pelo Filho na unidade do Espírito Santo. A comunhão eclesial é realizada enquanto assembleia que ora unida.

Na obra *Apologia I*, no capítulo 66, Justino, em consonância com o estilo do Evangelho de João, compreende a Eucaristia numa tríplice mutação, a saber: o Logos que torna carne, o pão e o vinho que se tornam carne e sangue do Senhor para ser nosso alimento e os cristãos nutridos por Cristo, se tornem *crístóforos*.

⁶ Didaqué, 10.

⁷ SC 7.

1.3 *A doutrina eucarística: Padres apostólicos e apologetas*

Padoin assevera que o trabalho da 'inteligência' deve acompanhar a celebração para que haja a compreensão do conteúdo e dos ligames entre o "fato eucarístico", o mistério crístico e o mistério da Igreja, assembleia que se torna "corpo de Cristo no Espírito".⁸

Contudo, a teologia dos primeiros autores cristãos foi mais apofática, não transformando o banquete do Senhor em objeto de especulação, mas de experiência, louvor, doxologia.

A teologia dos padres apostólicos e apologetas utilizava expressões crísticas, tais como invisível, ressurreto, contudo, presente permanentemente na sua Igreja, seu corpo. Esta teologia é bem afinada à teologia paulina da carta aos Coríntios. Estes elementos de uma teologia da Eucaristia, ainda que incipientes, encontram-se nos Padres Inácio de Antioquia e Irineu de Lyon.

Em Inácio de Antioquia, encontra-se já no século II o modo de organização da Igreja, onde aparecem as figuras do bispo, presbítero e diácono. Não se olvide que por sua antiguidade e vinculação direta aos apóstolos, os escritos de Inácio ganham autoridade na Igreja primitiva.

São famosas as sete cartas de Inácio. Nelas transparece a Eucaristia como evento salvífico e ponto de centralidade onde gravita a vida eclesial. Poder-se-ia, ainda que laconicamente, sintetizar a doutrina inaciana nos seguintes pontos:

Primeiramente, em alguns textos célebres, o termo "eucaristia" é usado com léxico específico. Na carta a Smirna, a Eucaristia é associada ao louvor e à prece, como fonte de salvação. Assim na carta aos Efésios afirma Inácio: "[...] empenhai-vos em vos reunir com frequência para eucaristia. Quando estais reunidos, as forças do diabo ficam impotentes".⁹

Nessas assertivas inacianas, transparece uma eclesiologia em que a reunião assembleial em torno da eucaristia garante a comunhão da própria Igreja, pois as "forças do diabo", o divisor, aquele que é "antieclicia", anticomunhão. Somente em torno da Eucaristia, sacramento de comunhão com o Mistério trinitário e crístico e de comunhão com os irmãos se realiza. Inácio teologiza a ação de graças (eucaristia) como possibilidade de comunhão eclesial, em que as forças do "diábolo" (o que divide) não tem como dividir a Igreja que é uma em Cristo.

⁸ PADOIN, G. *O Pão que eu darei. O Sacramento da Eucaristia*. São Paulo: Paulinas, 1999, p. 90.

⁹ INÁCIO DE ANTIOQUIA. Ef. 13,1.

Outro ponto que se destaca dos escritos inacianos é o significado cristológico e eclesial da Eucaristia. Na carta a Filadélfia, Inácio assevera que “Uma é a carne de Nosso Senhor Jesus Cristo, e um é o cálice de seu sangue; um é o altar, como um é o bispo [...]”.¹⁰ Para Padoin o valor eclesial transparece no fato de que o sacramento da Eucaristia (corpo e sangue do senhor) é sacramento de unidade, pois a Eucaristia nos põe em unidade contra os promotores do cisma. Este dado aparece nas cartas a Smirna 8, 1-2 e a Filadélfia 4. Os critérios da eclesialidade como comunhão está nos sinais “sacramentais” e simbólicos (o símbolo une) da oração litúrgica presidida pelo bispo em torno do único altar (Smir. 7,2). Assim assevera Padoin que “A Eucaristia, fazendo com que todos comunguem no corpo do Senhor, realiza a unidade e cria aquele corpo que é a Igreja [...]”.¹¹

Em suma, poder-se-ia afirmar que a doutrina eucarística de Inácio de Antioquia é uma realidade essencialmente de espaço de unidade, em que os comungantes do corpo do Senhor, realizam e criam aquele corpo que é a Igreja. No aforismo inaciano: “Uma só carne de Cristo, uma só Eucaristia, uma só Igreja”.¹²

O outro autor perquerido neste trabalho é Irineu de Lyon. Segundo Hamman,¹³ o ensinamento eucarístico do referido autor é fruto dos problemas por ele vividos como missionário e bispo e revelam a centralidade da Eucaristia. O problema é circunscrito à figura de Marcos que se apresenta seduzindo os habitantes da cidade gaulesa de Lyon de uma doutrina gnóstica em que transparece o dualismo radical, em que se opõe Deus e o mundo. Contra essa doutrina gnóstica, Irineu apresenta a tradição da Igreja e a imagem das duas mãos do Pai, a saber, o Filho e o Espírito que operam no mundo, marcando uma não oposição entre Deus e o mundo, numa teologia da criação com fundamentos bíblicos e na tradição.

De sua doutrina resume-se: primeiramente a Eucaristia como sinal da continuidade entre a criação e a salvação; no *Adversus Haereses*, afirma Irineu que a comunhão eucarística transmite as propriedades da cabeça, a saber, Cristo, ao corpo, isto é, a todos os irmãos de Cristo com os quais se plasma a Igreja. Para Irineu, “nós

¹⁰ INÁCIO DE ANTIOQUIA. Filad. 4.

¹¹ PADOIN, G. *O Pão que eu darei. O Sacramento da Eucaristia*. São Paulo: Paulinas, 1999, p. 92.

¹² INÁCIO DE ANTIOQUIA. Filad. 4.

¹³ HAMMAN, A. *L'Eucharistie des premiers chrétiens*. Beauchesne, 1976.

somos os membros de seu corpo, formados pela sua carne e por seus ossos".¹⁴

Na teologia eucarística de Irineu, a relação da Eucaristia e a Igreja, numa preclara influência da teologia paulina da carta aos Coríntios 12, acerca do corpo de Cristo e da cabeça, que é Cristo. Assim, Irineu assevera que a Igreja é comunhão em Cristo, cabeça, como "formados por sua carne por seus ossos".

1.4 *A escola alexandrina: Clemente e Orígenes*

Fato notório nos séculos II e III na história da Igreja foi o surgimento das escolas catequéticas circunscritas aos centros urbanos e culturais da antiguidade. Dessas escolas destacam-se a Escola Afriacana de Cartago, a Escola Alexandrina e a Antioquia. No que tange à importância teológica dessas escolas, é notória a influência das mesmas nas controvérsias trinitárias e cristológicas, com relevância para as escolas de Antioquia e Alexandrina.

Neste item, perquisar-se-á a Escola Alexandrina, com destaque para seus mestres mais famosos, a saber, Clemente de Alexandria e Orígenes, que comungam na linguagem que vê no centro do mistério cristão o "Logos". Assim a Eucaristia é compreendida como uma presença do Logos. Contudo, devido ao formato deste trabalho, que deve ser limitado, analisaremos somente Orígenes.

Para Orígenes, a Eucaristia é o "corpo de Cristo". A realidade eucarística diz respeito ao corpo que está sobre o altar e Orígenes afirma que há outro corpo, o povo santo que celebra a Eucaristia, numa preclara eclesiologia associativa do "corpo eucaristicizado" e do corpo assembleial que celebra como povo santo e sacerdotal o culto eucarístico.

Outro dado que se destaca na teologia origenista é a relação entre a palavra e pão, desenvolvendo um estreito paralelismo entre a palavra de Deus e a Eucaristia. A palavra também é "corpo de Cristo", não sendo imperioso separar a mesa da Palavra e do Pão, pois ambas estão intimamente unidas na celebração eucarística. Assim, assevera Padoin: "A palavra é essencial ao 'corpo de Cristo', porque é através dela, através da invocação do Espírito Santo, que a oferta do pão é santificada, bem como a assembleia de todos aqueles que participam da celebração".¹⁵

¹⁴ IRINEU DE LYON. *Adversus Heareges*, 5, 2-3.

¹⁵ PADOIN, G. *O Pão que eu darei. O Sacramento da Eucaristia*. São Paulo: Paulinas, 1999, p. 101. Este pensamento origenista pode ser encontrado descrito em *Mateus Serm.* 85.

Assim, a Igreja torna-se a nova Belém – casa do Pão e casa da Palavra e os cristãos estão em comunhão pela mesma casa que nos nutre do Pão da Palavra e do Pão da Eucaristia.

1.5 *A escola antioquena*

Os teólogos da escola antioquena, os orientais, ou seja, os Padres que se situam na região da Síria, compreendem a Eucaristia sublinhando com vigor o aspecto humano e salvífico da cruz.¹⁶ Destes destaca-se a teologia de Terodoro de Mopsuestia¹⁷ que afirma, uma identidade entre o corpo histórico e o corpo eucaristicizado de Jesus. Este é o mesmo corpo nascido da Virgem Maria, entregue na cruz e presente na Eucaristia. Esta doutrina é partilhada por Crisóstomo. Para Teodoro de Mopsuestia, a identidade entre o corpo de Cristo “Eucaristia” e a Igreja, corpo de Cristo dá-se pela comunhão entre Cristo e a Igreja, que são um mesmo corpo. Assim, a comunhão eclesial é por Cristo, em Cristo e com Cristo.

1.6 *Os padres latinos: Tertuliano e Cipriano*

Este item se deterá sobre os textos dos Padres latinos Tertuliano, Cipriano e Ambrósio, perquerindo a eclesiologia de comunhão nos mesmos.

Da teologia de Tertuliano¹⁸ no que concerne ao nosso estudo, destaca-se a prática da Igreja africana de levar para as casas o corpo e sangue do Senhor para que os mesmos possam comunhar nos dias não litúrgicos. Deste dado, poder-se-ia asseverar que para Tertuliano e mais ainda, para a Igreja africana, a Eucaristia era tão importante que a ‘comunhão’ era levada para as casas em vista de uma ‘comunhão’ entre os membros da casa e os ausentes.

Uma eclesiologia tir-se-á desta prática: uma compreensão de que a euacristia gera comunhão tanto eclesial como na “oikos” – casa, uma verdadeira Igreja doméstica surge daí. Uma comunhão em casa e na casa, em vista da comunhão maior, com a comunidade, que no domingo celebrou a memória do Mistério Pascal de Jesus. Assim mantinha-se o vínculo de comunhão pela Comunhão no Corpo do Senhor. Quanto aos ausentes, por motivos de doença, velhice ou tra-

¹⁶ BETZ, J. *Mysterium Salutis*. Petrópolis: Vozes, 1977, p. 268-275.

¹⁷ TEODORO DE MOPSUESTIA. *Homilia sobre a Eucaristia*, 10.

¹⁸ TERTULIANO. Orat. 19 e o De Idol. De 7.

balho, era a oportunidade de manter o vínculo de comunhão com a comunidade eclesial pela comunhão nos mesmos Mistérios.

O outro autor é o bispo africano Cipriano de Cartago que enviou, no ano de 253, a Carta número 63 a Cecílio, que era bispo de Biltha. Desta carta, Batiffol afirma que “[...] é o documento mais considerável que a literatura cristã dos três primeiros séculos produziu sobre a Eucaristia”.¹⁹

A carta 63 de Cipriano é motivada pelo uso dos “aquarianos”, ou seja, os que colocavam um pouco de água no cálice com vinho para celebrar a Eucaristia.²⁰ Há uma simbologia na água miscigenada ao vinho. Para Cipriano, a água é símbolo do povo que está em comunhão com Cristo.²¹ Assim, a Eucaristia inclui a Igreja. Cristo e o seu povo tornam-se inseparáveis, assim como da água que misturada ao vinho não se distinguem mais as partes.

A doutrina de Cipriano, no que concerne à eclesiologia de comunhão é também, como nos demais Padres, Eucarística. Há em Cipriano uma eclesialidade da Eucaristia. O mesmo afirma que Cristo se dá a nós e nos faz habitar na unidade. A Eucaristia para Cipriano, segundo Padoin, revela a constituição da Igreja *de Patris, Filii et Spiritus Sancti unitas congregata*.²²

Na carta 63, Cipriano afirma que o corpo de Cristo é corpo eucarístico e corpo eclesial e não se realiza fora da comunidade eclesial.²³ Desta compreensão, Cipriano tira as consequências, segundo as quais, fora da verdadeira Igreja não pode haver verdadeira Eucaristia. No meio cismático, que dilacera o corpo de Cristo, não pode realizar-se a Eucaristia, pois este é “Sacramentum unitatis”, na bela imagem, que Cipriano retoma da tradição (Inácio de Antioquia) dos grãos que se fundem para formar um só pão. Em suma, para Cipriano, a Eucaristia é figura e fonte da Igreja para a sua unidade e comunhão.

1.7 “*Totus Christus caput et corpus*”: eclesiologia de Agostinho

Segundo Gerken,²⁴ em Agostinho devem destacar-se dois conceitos que servem de ponto de partida para a compreensão da eclesiologia;

¹⁹ JOANNY, R. Cyprien de Cartoge. LDC, 1976, p. 152.

²⁰ Não se olvide que a utilização da água e a recusa em usar o vinho era uma práxis das seitas dos Encrastitas e dos Ebionitas.

²¹ CIPRIANO. Carta 63, 13.

²² CIPRIANO. De dom., 23.

²³ CIPRIANO. Carta 63, 13,4.

²⁴ GERKEN, A. La Teologia dell'Eucaristia. EP, 1977, p. 100.

contudo, no que concerne ao nosso tema, é a estreita ligação entre a Igreja e Cristo na Eucaristia. Essa conexão Agostinho consigna na famosa expressão *totus Christus caput et corpus*.

Para o mestre de Hipona, a conexão entre a Igreja e a Eucaristia é tal que a Eucaristia faz a Igreja e a Igreja faz a Eucaristia. Segundo o mesmo, o que ocorre no batismo, torna-se perfeito na Eucaristia, é ali que a *caput* da Igreja funda a unidade do organismo inteiro.

A Eucaristia é um símbolo da Igreja e seus frutos só podem ser produzidos nos que já são Igreja. Segundo Padoin, a teologia do mestre de Hipona acerca da Eclesialidade da Eucaristia configura-se como uma Igreja, pois, pré-existente, e que é alimentada pela Eucaristia, numa dinâmica de mutualidade: a Igreja faz a Eucaristia (celebra) e a própria Eucaristia faz a Igreja ser o que é – *corpus Christi*. Somente unindo Cristo e a Igreja que se compreende a teologia agostiniana, em que o Cristo total é seu corpo e os seus membros.

2 Aspectos de eclesiologia de comunhão na liturgia

Um teólogo, por sua vez, aí (na Liturgia) encontra referências de primordial importância quando tem em vista a reconstituição do significado que a Igreja tem atribuído e continua atribuindo à celebração eucarística, momento central e normativo do seu caminho ao longo da história.²⁵

Já os Santos Padres intuíaam que na liturgia Cristo é encontrado de forma toda especial. Afirma Leão Magno: “Tudo o que havia de visível em nosso Redentor, passou para os mistérios (liturgia/sacramentos)”²⁶ Para Vaggagini, a Liturgia é o *locus* privilegiado onde o teólogo encontrará referências para a compreensão da dogmática, unindo *lex orandi* com a *lex credendi*:

Por isso a contribuição da liturgia para o pensamento teológico recente pode ser resumida na afirmação da seguinte regra metodológica geral: de nenhum dogma tem-se consideração integral se esta não inclui também a perspectiva de sua verificação na liturgia.²⁷

²⁵ SARTORE, D.; TRIACCA, M. *Dicionário de Liturgia*. São Paulo: Paulinas, 1992, p. 938.

²⁶ LEÃO MAGNO. Sermão 74,2

²⁷ VAGGAGINI, Cipriano. Discurso inaugural do Pontifício Instituto de Liturgia de Roma – PIL, no Ateneu Santo Anselmo de Roma.

2.1 *A eclesiologia nas anáforas eucarísticas*

Apresentar-se-á neste item, o testemunho da comunidade cristã que consigna por escrito textos eucológico-anafóricos que transparecem uma eclesiologia, detendo-se, contudo, no aspecto de comunhão eclesial.

Na *Traditio Apostolica*²⁸ de Hipólito de Roma, a Eucaristia é celebrada após a celebração do batismo,²⁹ na celebração dominical e na celebração na qual um bispo será consagrado (cap. 4).

A Prece Eucarística de Hipólito de Roma assenta-se sobre uma sólida teologia e sua estrutura pode ser apresentada assim: a Oração Eucarística é precedida da apresentação das ofertas e do ósculo da paz. Inicia-se com o diálogo, segue-se a ação de graças ao Pai, por meio de seu Filho – o encarnado e enviado ao mundo. Segue-se o relato da instituição, ainda vem a *anamnese* da Páscoa – morte e ressurreição. Por fim uma epiclese sobre a oferta da Igreja e implicitamente sobre a Igreja, pedindo unidade, concluindo-se com a doxologia de caráter eminentemente trinitário, comum nas orações litúrgicas.

A Anáfora hipolitana traz em seu bojo uma conspícua teologia do período patrístico, com uma proeminência na cristologia e eclesiologia. Para melhor visualização e posterior análise da eclesiologia, transcreve-se a Anáfora de Hipólito, contida na *Traditio Apostolica*:

O diácono apresenta a oferta (ao Bispo) e ele impondo as mãos com todo o colégio dos presbíteros exprime esta ação de graças:

O Senhor esteja convosco. E com teu espírito. Corações ao alto. Temos o coração voltado para o Senhor. Demos graças ao Senhor. É próprio e justo. Nós te agradecemos, Deus, por meio do teu dileto

²⁸ A estrutura da *Traditio Apostolica* de Hipólito pode ser apresentada em três partes principais: a primeira contém um prólogo, cânones para a eleição e consagração de um bispo, e a oração de sua consagração, a anáfora que segue a esta cerimônia e as bênçãos do azeite, queijo e azeitonas. Seguem as normas e orações para a ordenação sacerdotal e diaconal; finalmente fala-se sobre os confessores, leitores, viúvas, virgens, subdiáconos e dos que possuem o dom da cura. A segunda parte contém normas para os leigos; há legislação sobre os neófitos, sobre as artes e profissões proibidas, bem como do catecumenato, dos sacramentos de iniciação cristã – batismo, confirmação e, por fim, a eucaristia. A última parte da *Traditio Apostolica* traz a descrição da liturgia eucarística dominical, regula o jejum em vista do ágape, a celebração do lucernário, recomenda-se a melhor hora de rezar, a comunhão diária em casa e o cuidado no trato com a Eucaristia.

²⁹ Poder-se-ia apresentar um paralelismo entre Hipólito, Justino e a Didaqué, segundo Padoin: Didaqué, cap. 9-10, e Justino, Apologia I, cap. 65-67. PADOIN, G. *O Pão que eu darei. O Sacramento da Eucaristia*. São Paulo: Paulinas, 1999, p. 88.

filho Jesus Cristo, que nestes últimos tempos nos enviastes como Salvador, Redentor e Anjo (núncio) da tua vontade; ele é o Verbo inseparável, por meio do qual tudo fizeste e que foi aceito por ti; tu o enviaste do céu no seio da (de uma) virgem, e, recebido no seio, tomou carne e se manifestou teu filho, nascendo do Espírito Santo e da (de uma) virgem; ele, cumprindo a tua vontade e conquistando para ti um povo santo, na Paixão estendeu as mãos, para assim poder libertar da Paixão (dor) aqueles que haviam de acreditar nele; ele, quando estava para ser entregue à sua voluntária Paixão, com a qual dissolveria a morte, romperia as correntes do demônio, pisotearia o inferno, iluminaria os justos, marcaria o fim e manifestaria a ressurreição, tomando o pão, deu graças dizendo: ‘Tomai e comei; isto é o meu corpo que será partido por vós’. Do mesmo modo (tomou) o cálice, dizendo: ‘Este é o meu sangue, que é derramado por vós; quando fizerdes isso, fazei-o em memória de mim’. Lembrando, portanto, a sua morte e a sua ressurreição, nós te oferecemos o pão e o cálice agradecendo-te porque nos consideraste dignos de estar diante de ti e de prestar-te culto. E (agora) te pedimos que envies o teu Espírito Santo sobre a oferta da santa Igreja, congregando na unidade todos os santos que desta (oferta) participam, para que sejam cheios do Espírito Santo para poder confirmar a fé na verdade, e assim possamos te louvar e glorificar por meio do teu filho Jesus Cristo, o qual é glória e honra a ti, Pai e Filho com o Espírito Santo, na santa Igreja tua, agora e nos séculos dos séculos. Amém.³⁰

Concentrar-se-á na oração epiclética que suplica o Dom do Espírito sobre a oferta da Igreja para congregar todos os que participam da Eucaristia, não para ‘mudá-las’ no corpo e sangue de Cristo, como fazem muitas epícleses da liturgia oriental e ocidental (II Oração Eucarística do novo Missal Romano). Contudo, o texto anafórico hipolitano apresentamos uma epiclese eclesial, quando expressa:

E te pedimos que envies o teu Espírito Santo sobre a oferta da santa Igreja, congregando na unidade todos os santos que desta (oferta) participam, para que sejam cheios do Espírito Santo para poder confirmar a fé na verdade e assim possamos te louvar e glorificar por meio do teu filho Jesus Cristo, o qual é glória e honra a ti, Pai e Filho com o Espírito Santo, na santa Igreja tua [...].³¹

³⁰ HIPÓLITO. *Traditio Apostolica*, cap. 4.

³¹ HIPÓLITO. *Traditio Apostolica*, cap. 4.

Esta epíclese sobre a Igreja exprime uma bela teologia da ação do Espírito na Igreja – uma epíclese como a das ofertas em nossas atuais Orações Eucarísticas. Nestas há uma dupla epíclese, a saber, sobre as ofertas (pão e vinho) e sobre a Igreja (assembleia). Na realidade o termo Igreja vem do hebraico – *qahal*, que é “convocação, assembleia reunida”. Assim, para Hipólito de Roma, é o próprio Espírito Santo quem convoca, reúne, faz a Igreja na celebração da Eucaristia.

Por fim, a Anáfora diz: “[...] para que sejam cheios do Espírito Santo [...] para que possamos te louvar e glorificar [...]”. Entreve-se nesta frase da Anáfora uma teologia do ‘auxílio do Espírito’ para o louvor e a oração, como nos diz Paulo: “Assim também o Espírito socorre nossa fraqueza. Pois não sabemos o que pedir como convém; mas o Espírito intercede por nós com gemidos inefáveis [...]”.³²

A doxologia final da Anáfora hipolitana é cristocêntrica e eclesiológica ao dizer: “[...] por meio do teu filho Jesus Cristo, o qual é glória e honra a ti, Pai e Filho com o Espírito Santo, na santa Igreja tua, agora e nos séculos dos séculos. Amém”. O texto anafórico termina doxologicamente remetendo a assembleia orante ao mistério Trinitário, numa relacionalidade entre a comunhão trinitária e a comunhão eclesial. Assim a Igreja/assembleia orante em Eucaristia é ícone da comunhão trinitária. E mais, a comunhão eclesial é originada e sacramento da comunhão trinitária.

A eclesiologia hipolitana apresenta dois aspectos: um hierárquico e o outro espiritual. O aspecto hierárquico de sua eclesiologia, como afirma Quasten, tem “[...] *mucho em comum com Ireneo*”.³³ Ao refutar as heresias e as ‘novidades’ que se impõem ao cristianismo, Hipólito quer provar que a Igreja é a depositária da verdade e que a sucessão apostólica dos bispos – hierarquia – é a garantia de sua transmissão, uma verdadeira teologia da *Traditio*.

Após trabalhar a Anáfora hipolitana, seria necessário apresentar neste artigo a eclesiologia das novas Orações Eucarísticas. No entanto, limitar-se-á à teologia da segunda epíclese. A primeira epíclese é sobre

³² Rm 8, 26

³³ Ainda que Hipólito tenha sido influenciado por Irineu de Lião, afirma Quasten que “[...] a pesar de ser discípulo de Ireneo, quien habla tan claramente de la maternidade de la Iglesia, em las obras de Hipólito no se mencione una sola vez el título de Iglesia Madre. En esso sigue la tradición romana primitiva y no la concepción oriental. Hay, em cambio, em sus obras muchas referencias a la Iglesia como Esposa y Novia de Cristo. QUASTEN, J. *Patrologia I. Hasta el concilio de Nicea*. Madrid: Biblioteca dos Autores Cristianos, 1991, p. 506.

os dons do pão e do vinho que são eucaristicizados e tornam-se o Corpo e Sangue do Senhor; contudo, há nas anáforas uma segunda epiclesse. Esta é sobre a assembleia, a mesma Igreja que evoca o Espírito sobre o Pão e o Vinho, invoca o Espírito sobre a assembleia para transformar a comunidade, reunida em torno do altar em corpo de Cristo.

A Oração Eucarística I assevera que se oferece este sacrifício “[...] pela Igreja santa e católica: concedei-lhe paz e proteção, unindo-a num só corpo [...]” e como resposta a assembleia aclama dizendo: “Conservai a vossa Igreja sempre unida”. Nota-se uma atitude oracional em que a comunidade-Igreja pede ao Senhor que os conserve na comunhão, bem como se destaca a teologia paulina de Cor. 12, do corpo de Cristo. Em algumas solenidades relacionadas ao Mistério Pascal, a Oração Eucarística I propõe os “comunicantes próprios”. Estes se iniciam com a frase: “Em comunhão com toda a Igreja celebramos o dia santo [...]”.

Na Oração Eucarística II, encontra-se: “E nós vos suplicamos que, participando do Corpo e Sangue de Cristo, sejamos reunidos pelo Espírito Santo num só corpo”. A teologia desta II Prece Eucarística rememora o sentido lexical da própria Igreja, que é comunidade-assembleia reunida, convocada pelo Espírito Santo, que faz a Igreja ser um só corpo com Cristo – o Cristo total: cabeça e corpo. Encontra-se ainda a seguinte prece: “Lembraí-vos, ó Pai, da vossa Igreja que se faz presente pelo mundo inteiro: que ela cresça na caridade [...]”, revelando o caráter de comunhão eclesial das comunidades todas dispersas pelo mundo inteiro, que em Cristo formam uma só Igreja de Cristo.

A Oração Eucarística III afirma que “[...] pela força do Espírito Santo, dais vida e santidade a todas as coisas e não cessais de reunir o vosso povo, para que vos ofereça em toda parte, do nascer ao pôr do sol, um sacrificio perfeito”. A pneumatologia é desenvolvida como sendo o Pneuma quem “reunir” o que está disperso, para congregar na “Unidade do Espírito Santo”, ou seja, a comunhão eclesial é obra do Espírito Santo, que reúne os que “circundam este altar” (OE I). E a posteriori ora pedindo que o Pai olhe com bondade a oferenda da Igreja, que alimentada pelo Corpo e Sangue do Senhor, seja ‘repleta’ do Espírito Santo e “[...] nos tornemos em Cristo um só corpo e um só espírito. A este pedido, a assembleia responde aclamativamente: “Fazei de nós um só corpo e um só espírito”.

Na Oração Eucarística IV, pede-se: “[...] concedei aos que vamos participar do mesmo pão e do mesmo cálice que, reunidos pelo Espírito

Santo num só corpo, nos tornemos em Cristo um sacrifício vivo para o louvor da vossa glória”.

Por fim, a Oração Eucarística V pede que “E quando recebermos Pão e Vinho, o Corpo e Sangue dele oferecidos, o Espírito nos una num só corpo, para sermos um só povo em seu amor”. A anáfora brasileira afirma que é por obra do Espírito Santo que a Igreja se torna um só povo em seu amor. Este ‘amor’ na tradição patrística é o próprio Espírito Santo.

Em suma, as anáforas eucarísticas de forma geral terminam com a doxologia: “Por Cristo, com Cristo, em Cristo, a vós, Deus Pai todopoderoso, na unidade do Espírito Santo, toda honra e toda glória, agora e para sempre”. As doxologias asseveram que a comunhão-unidade é fruto e dom do Espírito Santo.

Considerações Finais

Os Santos Padres recorrem à imagem poética e, ao mesmo tempo, profética com que o livro do Gênesis nos descreve a origem da mulher. Como Eva nasceu do lado de Adão, assim a Igreja, a esposa de Cristo, nasceu da ferida do lado do novo Adão, quando dormia sobre a Cruz.

Esta teologia acerca da Igreja perpassa toda a patrística. Já pelo final do século II, Tertuliano escrevia: “Se Adão foi figura de Cristo, o sono de Adão foi também figura do sono de Cristo, dormindo na morte sobre a Cruz, para que, pela abertura do seu lado, se formasse a verdadeira mãe dos vivos, isto é, a Igreja”.³⁴ Santo Ambrósio também fala de Cristo como o novo Adão e afirma que a vida da Igreja brotou do lado de Cristo e que todos nós somos membros do seu corpo, de sua carne, de seus ossos. A Igreja é a verdadeira Eva, mãe de todos os viventes.

Da bela produção teológica dos padres e dos textos anafóricos, depreende-se uma não menos bela eclesiologia de comunhão, centrada no *Sacramentum unitatis*. Será necessário tirar as consequências pastorais, espirituais e teológicas desta rica tradição que recebemos como dom e devemos entregar aos demais com o mesmo ardor, enriquecendo-a com novas perspectivas. Assim a Igreja é como *unitate Patris et Filii et Spiritus Sancti*.

³⁴ PL t. II, col.767

Referências

- AGOSTINHO. *Tractatus in Joannem*.
- BETZ, J. *Mysterium Salutis*. Petrópolis: Vozes, 1977.
- CIPRIANO. *A unidade da Igreja católica*. Petrópolis: Vozes, 1973.
- DIDAQUÉ. Petrópolis: Vozes, 1973.
- LEÃO MAGNO. *Sermão 74,2*.
- GERKEN, A. *La Teologia dell'Eucaristia*. EP, 1977.
- HAMMAN, A. *L'Eucharistie des premiers chrétiens*. Beauchesne, 1976.
- HIPÓLITO. *Traditio Apostolica*. Petrópolis: Vozes, 1972.
- JOANNY, R. *Cyprien de Cartoge*. LDC, 1976.
- LODI, E. *É cambiata la Messa in 2000 anni?* Marietti, 1975.
- MARSILI, S; NOCENT, A; AUGÉ, M; CHUPUNGCO, A. *La Liturgia Eucaristica: teologia e storia della celebrazione*. Turim, Casa Editrice Marietti, 1983.
- MISSAL ROMANO. São Paulo: Paulinas, 2001.
- PADOIN, G. *O Pão que eu darei. O Sacramento da Eucaristia*. São Paulo: Paulinas, 1999.
- QUASTEN, J. *Patrologia I. Hasta el concílio de Nicea*. Madrid: Biblioteca dos Autores Cristianos, 1991.
- ROCCHETTA, C. *Os sacramentos da fé*. São Paulo: Paulinas, 1991.
- SARTORE, D.; TRIACCA, M. *Dicionário de Liturgia*. São Paulo: Paulinas, 1992.
- TEODORO DE MOPSUESTIA. *Homilia sobre a Eucaristia*.
- VAGGAGINI, Cipriano. *Discurso inaugural do Pontifício Instituto de Liturgia de Roma – PIL*, no Ateneu Santo Anselmo de Roma.

Recebido: 14/05/2012

Avaliado: 30/05/2012